

Rio, 5 de agosto de 2016.

Querida Regina,

Há exatamente dez anos, em 2006, fiz uma entrevista comentada com você para a exposição “Luz zul”, que fizemos no Centro Cultural Telemar, hoje Oi Futuro, em que faço a seguinte observação em referência à sua resposta para a pergunta de como você via a questão do insólito e do maravilhamento, que eu identificava na sua obra:

*O insólito, o maravilhamento e a perplexidade são dimensões que o tempo fragmentado da contemporaneidade tem engolido de forma tão avassaladora que ainda talvez não tenhamos avaliado as consequências nefastas que isso representará no futuro. Esses elementos são a fonte do poético, do filosófico e da imaginação criadora da ciência. É uma dimensão sem a qual é duro viver.*

Passados dez anos, sou surpreendido pelo título que você deu à sua intervenção na 21ª edição do *Respiração: Insolitus*. Você me fez perceber que aquela exposição de 2006 mantém um elo com esta intervenção, que foi subterraneamente se infiltrando ao longo do tempo, e manifestou-se através das conversas que tivemos e que, de alguma maneira, conduziu sua intuição / determinação primeira de transformar a mesa e as cadeiras da sala de jantar em um objeto peludo preto; um objeto insólito ao criar a obra *Mutante l*. Essa ideia foi tomando corpo e permitiu que eu percebesse com mais contundência o lado negro presente no conjunto de sua obra; lembro aqui dos trabalhos com sombras como contraponto poético metafórico aos trabalhos que lidam com a luz, e como identificação da ausência que todo corpo projeta para além de si.

No texto do catálogo de 2006, fiz referência a uma parábola judaica que fala dos dois fogos que escreveram as pedras da lei: o fogo negro, que desenhou as letras tal como as lemos, e o fogo branco, que criou o espaço

entre as letras que nos permite lê-las. E afirmava, então, que hoje lemos o fogo negro e que chegaria o dia em que conseguiríamos ler o fogo branco e que nossa percepção da realidade mudaria integralmente. Da mesma forma penso que a sombra, no conjunto de sua obra, pode ser percebida como uma presença imaterial que se projeta para além do corpo material, como também uma presença que projeta o vazio subterrâneo desse mesmo corpo.

Para mim *Insolitus* pode ser lido de duas maneiras, como um paradoxo que nos desafia, tal como os fogos e a sombra: como explicitação do vazio subterrâneo de nossa sociedade atual, sem rumo, que faz aflorar as pulsões negativas de um mundo incerto e inseguro, e como um alento de esperança – um chamamento – que nos diz: surpreendam-se com o insólito! A estranheza e a perplexidade que ele desencadeia são uma chamada à esperança. Fiquem atentos e tomem cuidado com as forças insidiosas que nossas opções estão nos levando e teremos de encontrar saídas porque o incômodo e o desconforto atuais são grandes.

Longe de mim querer dar uma roupagem político-panfletária à sua intervenção, sei que essa não é e nunca foi sua intenção, ao contrário, vejo nela uma dimensão espiritual. Generosa. *Mundus admirabilis* é uma infestação de insetos gigantes que tomam conta da fachada da casa-museu Eva Klabin, assim como *Dark swamp (nest)*, na Sala Renascença, em que um ovo negro de 180 cm de altura brota de um pântano de crocodilos, produzindo uma percepção de maravilhamento insólito que nos deixa perplexos e reflexivos sobre o que será gerado dali. Tudo isso tendo como fundo o som de helicópteros e mosquitos, vindo da obra *Fábula II*, no alto da escada do hall principal, como referência perturbadora ao mundo dos insetos e ao filme de Francis Ford Coppola (*Apocalypse now*), cujas últimas palavras são: “O Horror. O Horror. O Horror”. Você cria, dessa

maneira, uma paisagem sonora que imanta o espaço da residência dando coerência poética à sua intervenção.

Poder conservar a reflexão neste momento de incertezas que o mundo atravessa, perdidos que estamos entre um território conhecido, mas que sabemos sem futuro, e um desejo de algo novo, mas inseguros pelo desconhecido; permitir-nos interromper o fluxo do cotidiano e a partir de sua intervenção refletir sobre nossos descaminhos é, para mim, esperança.

Esperança no sentido de que estamos numa travessia entre dois mundos, entre duas escritas, entre dois fogos e teremos de optar sem medo: apegamo-nos ao conhecido e repetimos os mesmos erros do passado ou apegamo-nos à esperança, mesmo sem saber ao certo para onde ela nos levará, e arriscamos na certeza de que não mais queremos o que aí está e que o desconhecido traçará um novo caminho. Ansiamos por uma mudança espiritual: *Insolitus* nos traz a crueza de uma realidade substantiva, que sua obra é capaz, ao explicitar, materializando-se na superfície do mundo, as angústias de nossa sociedade atual.

Só a arte e a filosofia são capazes de tal feito porque têm os meios espirituais para tal; não temem o desconhecido e não têm o receio de colocar o dedo na ferida. Espero que as pessoas que entrem em contato com mais essa intervenção no acervo da casa-museu Eva Klabin percebam que o que está sendo proposto desde o início pelo projeto curatorial e que você, Regina, soube expressar com tanta propriedade, ao radicalizar a ideia de intervenção da proposta original do *Respiração*, é a necessidade de desestabilizar para encontrar novo equilíbrio. Ao desestabilizar os códigos de uma residência, em que a tranquilidade doméstica é perturbada pelo seu imaginário, você cria uma metáfora contundente dos tempos atuais.

Querida Regina, só os artistas são capazes de antever o futuro, não que isso seja um mérito em si, já que o

futuro chegará independentemente do que quer que seja, mas ao trazerem consigo essa potência conservam a única certeza possível que é a clareza da constatação. O que quero dizer com isso? É que o corpo do artista é uma espécie de veículo dos tempos se metamorfoseando, que se expressa por meio das obras de arte. A obra é mais importante do que o artista; ela é um raio X do tempo de sua atualidade; é capaz de criar pelas sensações de identificação/empatia (Worringer) uma percepção de evidência, que é um bloco de sensações (Deleuze), deixando o mistério de cada época mais transparente.

A obra *Mutante LL*, que você criou especialmente para o Respiração, explicita o processo da arte como metamorfose do tempo, a qual estou me referindo. Através dessa obra podemos surpreender de maneira cristalina como se dá a metamorfose da forma: um carrinho de chá comum é apresentado em processo de transformação para um carrinho de chá peludo, explicitando de maneira quase animada esse processo.

A obra de arte é evidência de seu próprio tempo e cria a transparência necessária para entendermos o diagrama que compõe a sua contemporaneidade. Estou convicto de que foi isso que você conseguiu realizar. Por isso Regina, admiro a intervenção *Insolitus* e sua linguagem substantiva, e sou grato ao feliz encontro que tivemos em reunir trabalhos novos e outros já existentes, que reforçaram o sentido maior da sua obra e da proposta originária do Projeto Respiração, que é a de criar reflexão sobre aquilo que está estabelecido, imobilizado pelo tempo, que a própria condição de uma casa-museu impõe aos objetos e à coleção que abriga.

Com meu afeto,

Marcio

